

DO ALÉM-TUMULO

Dizem que os fantasmas dos mortos têm preferência pelas sombras da noite, para trazerem aos vivos um reflexo esbatido do misterio em que se lhes fecharam os olhos. Em todos os lugares, conhece-se a historia das almas afflitas que, agrilhoadas ao mundo pelo pensamento obsidiante acerca dos que ficaram para traz, regressam dos orbes indevassados, onde quasi todas as religiões collocaram o seu inferno e o seu céu.

Eu não venho nessa “hora que apavora”, copiando as deliberações das “damas brancas”, que surgem nas casas solarengas como abaa-tesmas de luar e de neblina, contrastando com a pesada escuridão da meia noite.

É até muito cedo para que um “morto” apareça, contrariando as opiniões gerais. Ainda ha résteas de sol, evadindo-se entre os arvoredos, como as rôlas morenas e ariscas, fugindo á noite cheia de sombras. Ha uma grandiosa placidez na paisagem que se aquieta como ove-lha mansa para ouvir a voz carinhosa do pastor. Vem aos olhos do meu pensamento aquele quadro de ha dois mil anos. Quando o Cristo pregou o Sermão da Montanha, especificando as bemaventuranças celestes, devia ser assim o crepusculo. A mesma paz evangelica, os mesmos perfumes entornando-se da taça imensa

do céu, a mesma esperança florindo no coração atormentado dos homens, beduinos extenuados desses desertos. Um alvoroço suave de recordações me conduz ao passado...

É debalde, porém, essa tentativa de confinarmos a Palestina nas montanhas do sertão brasileiro. Se é verdade que os Espiritos sempre falaram sobre os pontos alcantilados da Terra, como no Sinai e no Tabor, nós não somos o Divino Mestre. Ha quem afirme que nós, os desencarnados, somos precursores, como João Batista. Mas, ainda não encontrei aqui viv'alma nessa situação especialissima. Como os que hoje andam aí atribulados com o progresso, estamos longe da epoca messianica, em que os homens puros, para viverem sob a guarda de Deus, nada mais precisavam que um cantaro de mel.

Mas, não venho hoje para tecer considerações dentro da mistica religiosa.

Venho para falar a quantos estranham as minhas palavras depois da morte, admirando-se de que eu não apareça clamando perdão e misericordia, penitenciando-me dos mais nefandos pecados.

Desejariam que o Senhor derramasse sobre mim todas as suas cóleras sagradas; todas as torturas do Averno seriam poucas para consumir a minh'alma. Os vermes que corroeram o corpo leproso do patriarca da Biblia seriam,

para as minhas culpas, como leves caricias. Meus tormentos de além-tumulo deveriam exceder os de Tântalo. E tudo porque andei espalhando umas anedotas lidas pelas consciências que, condenando-me hoje das suas sacristias, vivem pensando no céu, sentindo na boca um gosto rubro de pecado.

São as almas imaculadas que se esqueceram das minhas feições humanas, olvidando que os palhaços também divertem o público para conquistar os vinténs negros da vida. Se existem aí os que se confortam no luxo dos seus automóveis, deslizando no asfalto das avenidas, outros, para baterem á porta de uma padaria, é preciso que hajam passado através de um picadeiro.

Já tive ocasião de afirmar que não encontrei o paraíso mussulmano.

Encontrei nesse "outro mundo" a minha própria bagagem. Meus pensamentos, minhas obras, frutos dos meus labores, da minha regeneração no sofrimento. Sem estar na beatitude do céu, não conheço igualmente a topografia do inferno. Os uivos de Cérbero ainda não ecoaram aos meus ouvidos. O "nessun maggior dolor", que Dante escutou dos lábios de Francesca da Rimini, em sua peregrinação pelas masmorras do tormento, constituiu provavelmente um resultado da perturbação dos seus nervos auditivos, porque eu afirmo o con-

trário. Não ha maior prazer que recordar, na paz daqui, as nossas dores na Terra.

E todos aqueles que vêm á ribalta, lamentando o meu relativo socego, cuidem de conservar a sua pureza. A Terra é tão inçada de abismos que, ás vezes, procurando olhar em excesso pelos que nos acompanham, costumamos cair neles.

Eu sou de facto grande culpado, não pelos meus esgares de caveira para arrancar o riso dos outros, mas diante da minha consciencia, pela minha teimosia e incompreensão referentes aos problemas da verdade. Todavia, Deus é a misericórdia suprema e, sem me acorrentar a colunas incandescentes, já prendeu o meu coração de filho pródigo nas algemas suaves do seu amor.

5 de Agosto de 1935.

OH! JERUSALÉM!... JERUSALÉM!

É possível a estranheza dos que vivem na Terra, com respeito á atitude dos desencarnados, esmiuçando-lhes as questões e opinando sobre os problemas que os inquietam.

É logico, porém, que os recém-libertos do mundo falem mais com o seu cabedal de experiencias do passado, que com a sua ciencia do presente, adquirida á custa de faculdades no-